

CAPÍTULO 1

MEU MAIOR DESAFIO

Certamente a maioria das pessoas passa por desafios de diversas intensidades e consequências. Desafios estão relacionados com a própria evolução das espécies, notadamente a humana, pois foi superando-os que conseguimos características peculiares como a de obter alimentos, desenvolver o conhecimento, ter habilidades, entre tantas outras.

Considero que o mais importante desafio da minha vida ocorreu no final da adolescência, com 16 anos. Naquele ano de 1962, participava de um movimento conhecido por Juventude Estudantil Católica (JEC)¹ e era, também, presidente do grêmio estudantil do Colégio São José, de São José do Rio Preto. A JEC congregava algumas lideranças estudantis para participarem de suas atividades, que inicialmente pensei que fossem para disseminar as boas coisas do cristianismo, mas não demorei a perceber que eu e meus colegas estávamos servindo como meios de manobras políticas e ideológicas fomentadas por alguns segmentos da igreja católica. Em abril daquele ano as JECs do interior do estado de São Paulo foram convidadas para participarem de uma reunião regional em Jaboticabal, que aconteceu durante um final de semana numa bela fazenda nos arredores daquela cidade. No sábado de manhã, todas as reuniões ocorreram de forma produtiva e, no período da tarde, reservaram um tempo para todos se conhecerem melhor – e isto se deu junto a uma enorme piscina revestida apenas com cimento, portanto sua água era escura e não se tinha noções de profundidade. Fiquei sentado na borda da piscina conversando com várias pessoas, mas fiz o possível para não demonstrar que não sabia nadar. Observei que quase todos os jovens, rapazes e moças, que estavam dentro da piscina se posicionavam numa região que lhes permitia ficar comodamente com a cabeça fora da água. Mesmo assim, não quis me arriscar. Ao término do prazo deste relaxamento social, todos se dirigiram para as salas de reuniões, mas eu fiquei à beira da piscina com uma vontade imensa de entrar naquela água e refrescar-me diante do calor que fazia naquela tarde. É possível que houvesse, também, uma tentativa no meu subconsciente em superar o medo de entrar numa piscina grande. Enfim,

estávamos eu e a piscina, agora com a água calma e sem aquela agitação provocada pelos banhistas. Certifiquei-me de que não havia ninguém por perto e, por fim, entrei com o devido cuidado na sua parte rasa. Fiquei tão entusiasmado que fui caminhando e me distanciando em torno de dois ou três metros das suas bordas sem imaginar os perigos que advêm de situações inesperadas para quem não sabe nadar. E, de repente, de forma assustadora, caí na parte funda da piscina. Soube depois que sua profundidade era de três metros. Entrei em pânico! Muito pânico! Em décimos de segundos, tinha que decidir se gritava ou se debatia, pois se fizesse ambos o afogamento aconteceria muito mais rápido. Optei por me debater com todas as minhas forças, pois naquele momento eu tinha a certeza de que as chances eram 50% de avançar ainda mais para o lado profundo e 50% de ir para o lado oposto, em que a piscina era mais rasa. Girava como um peão, afundando e emergindo na aflição dos afogados, com perda completa da noção dos lados raso e fundo. Buscava o chão para apoiar os meus pés e, quando isto acontecia, a água encobria a minha cabeça e eu me debatia intensamente, emergia de volta bebendo água e respirando o ar que fosse possível. É inacreditável o funcionamento do nosso cérebro em momentos de luta contra a iminência da morte. Imagens e pensamentos desfilavam pela minha mente. Tinha a sensação da tristeza de meus pais. Ao emergir, via as árvores em volta da piscina e, ao afundar, sentia o mundo cinzento daquela água. Tudo ao mesmo tempo. Até hoje não consigo entender o que aconteceu naquele momento mais angustiante da minha vida. Algo como se fosse um empurrãozinho me levou ao lado raso e fez o dedão do meu pé tocar no chão da piscina. Nunca soube da força do meu dedão, mas naquele momento ele conseguiu mover meus quase 70 quilos para o lado que me salvaria. É indescritível a sensação de se salvar e ter a possibilidade de continuar a viver. Ao controlar a respiração outra vez pude ver as árvores ao redor da piscina, agora como um adorno e não como figuras de despedida, e ao sentir o brilho do sol, dando-me um bom retorno à vida, restou-me a simplicidade de agradecer a Deus, algo tão superior e inalcançável, mas que se expressou por meio do inexplicável empurrãozinho. Nem precisei recobrar forças para retornar à sala de reuniões, pois me sentia realizado por ter lutado pela vida. Disseram-me mais tarde que, durante o final de sábado e o domingo inteiro, eu era a pessoa mais alegre daqueles dois dias de reuniões, e

dono de um sorriso permanente. Ainda hoje recordo que aquele sorriso insistiu em me acompanhar durante muitos dias, a ponto da minha mãe perguntar com certa irritação durante o jantar:

– Está rindo do quê?

Uma semana após ter retornado a Rio Preto, pedi ao meu primo Jorge² para que me ensinasse a nadar.

Depois disso, outros desafios aconteceram em minha vida. Quando estes eram extremamente difíceis, eu recordava daqueles momentos do meu maior desafio para continuar a viver e que, para vencê-lo, não pude contar com a grandeza do conhecimento nem com a lucidez da lógica, tampouco com o controle daquela situação. Apenas me restou a persistência suficiente para querer vencer.

Glossário deste capítulo

¹ JEC – Juventude Estudantil Católica, associação civil ligada à hierarquia eclesiástica. Era encarregada de difundir os ensinamentos e a doutrina da Igreja junto aos estudantes de nível secundário. Desapareceu em 1966 por orientação da Conferência Nacional de Bispos, quando se observaram ingerências políticas e partidárias na sua doutrinação.

² Jorge Cury Neto, fez parte da equipe de natação do clube Palestra de São José do Rio Preto e com experiência em vários torneios competitivos.